

Fradique Mendes na Ribeira Lima

José Norton

EM DEZEMBRO DE 1842, JOSÉ MENDES RIBEIRO – comerciante e funcionário público em Viana do Castelo, bravo do Mindelo, amigo de Rodrigo da Fonseca e doutros políticos da época – arrematou à Junta de Crédito Público, pela quantia de 18.241\$000 reis, «o edifício e cerca do Mosteiro de Santa Maria, da Congregação dos Cónegos de Santo Agostinho em Refojos de Lima, excluída a Igreja e a Sacristia, e que se compunham de claustros, casas de enfermaria e hospedaria, cozinha e refeitório, e a cerca ou quinta circundada sobre si, de casa de eira, lagares e pia, coberto de palheiro, engenho de azeite e alpendres, dois mirantes e celeiro» como referia a respectiva escritura.

Infelizmente o negócio não prosperava. Ao invés. Comercia em bacalhau e por 1858 teve de hipotecar a dita propriedade ao seu fornecedor Carlos Henrique Noble, inglês do Porto, por cerca de 16 contos, para garantir o saldo da conta entre ambos. Mas os frades crúzios, ao serem expulsos do mosteiro pelo liberalismo triunfante, tinham deixado para trás uma maldição. Mendes Ribeiro não mais conseguiu levantar a sua casa comercial. Aumentaram ainda mais as dívidas, ao inglês e a outros credores que o atormentavam.

Era casado com Rita Norton Tavares de Rezende, de quem teve vinte filhos! O filho varão, Tomaz Mendes Norton, casara com uma senhora de Ponte de Lima, riquíssima proprietária. Perante o desespero do pai e pensando que assim fazia uma excelente aplicação de capitais, aceita a doação do mosteiro com a obrigação de assumir a dívida ao inglês que já ia nessa altura em mais de quarenta e oito contos de reis!

Tomaz estudara Matemática em Coimbra de lá saindo Bacharel. Cultivava o espírito mas não tinha queda para as comezinhas culturas da terra. Era-lhe mais dado escrever sobre os magnos problemas da agricultura nacional do

que resolver os que de perto e quotidianamente se lhe deparavam nas imensas propriedades. Dissertava sobre finanças públicas e chegava a mandar cartas aos ministros com as suas sugestões. Concebia projectos de modernas fábricas impossíveis de realizar naquele ambiente ainda inóspito para sofisticações técnicas.

A crise da agricultura e a despesa de três filhos a estudar longe de casa, em breve reduziram a nada o que sobrava do espontâneo produto da riqueza fundiária.

Estava-se nos anos oitenta e começava para Tomaz Mendes Norton e sua mulher um longo calvário. Ela, filha de lavradores, sabia lidar com os segredos e as manhas da lavoura, mas o espírito do marido definhava no meio dos milheirais, precisava de subir mais alto.

Foi então que se lhe meteu na cabeça – a fantasia é refúgio – uma delirante ideia que resolveria de uma vez por todas as dívidas e a falta de dinheiro. Os azulejos que decoravam o interior do mosteiro, o quadro da Ceia que dominava o refeitório e ainda A Virgem de Sto. António, eram da autoria de Rafael e o próprio edifício na sua arquitectura definitiva era obra de Bramante. Enfim, era a fortuna. Restava apenas tornar essas preciosidades conhecidas e não faltariam os pretendentes.

Tomaz Mendes Norton empreendeu então elaborados estudos de história de arte e arquitectura, encomendou dezenas de livros, contratou fotógrafos, gastando tempo e o dinheiro que não tinha. Escreveu a meio mundo e Camilo, um dos correspondentes da altura, defendia-o (talvez para não perder a oportunidade de cascar em alguém), apesar de reconhecer que nada entendia de coisas de arte: «As ironias galhofeiras de alguns jornais que medram entre o Chiado e o Páteo das Almas não me demoveram de acreditar que o espírito cauto e esclarecido de V.Exa. se hou-

Études sur les Oeuvres d'Art de Raphael Sanzio d'Urbino au Monastère de Refojos do Lima, por Tomaz Mendes Norton. Lisbonne, Imprimerie Nationale, 1888.





«O casarão conventual que habitamos...».
Mosteiro de Refojos, em Ponte de Lima.

vesse alucinado com o seu tesouro tomando como prata de lei a mera casquinha».

Em 1888 estava o livro pronto, em francês, que era na altura a língua da cultura.

Também nesse ano Norton confidenciava a um amigo a propósito do mosteiro: «*tem sido o meu inferno*».

Mas que tem tudo isto a ver com Fradique Mendes? Acaso esteve no mosteiro?

Dada a natureza de tal personagem, parece mais fácil provar que os azulejos sempre foram pintados por Rafael!

Contudo, vamos tentar.

Para tanto servimo-nos em primeiro lugar de uma carta que um dos filhos de Tomaz Mendes Norton (o futuro general Norton de Matos), na altura aluno da Escola de Guerra em Lisboa, enviava ao pai em 1890: «*O António Feijó disse-me que o Eça de Queiroz lhe tinha pedido um livro seu, ou antes as fotografias dos quadros, para os mostrar ao pintor Bonnard de Paris, que lhe tinha falado neles. Em vista disto mandei um dos livros, que tinha o Silva, a casa do Eça de Queiroz*».

É a certeza de que Eça alguma coisa conhecia do mosteiro. Não é de excluir que já das obras de arte tivesse ouvido falar a Pindela ou Guerra Junqueiro. Ou pela leitura da *Gazeta de Portugal* onde Augusto Fuschini, preocupado com a saída de obras de arte do reino, falava em «Rafaeis». Mas a carta é um dado seguro, e seria de estranhar que não folheasse o livro ao recebê-lo.

Há outras questões às quais se tem de responder pela negativa. Não consta que tivesse visitado Refojos, apesar de uma temporada no Minho em Maio de 1892. Tão-pouco é possível afirmar que Eça e Tomaz fossem conhecidos. Nem em Coimbra se cruzaram, pois este, mais velho, já lá não estava quando o outro iniciou os seus estudos de direito.

É porém nos próprios textos de Eça de Queirós que se encontram as provas de que precisamos.

Não importa que ele tenha escrito «Quinta de Frades»¹ na Quinta do Mosteiro, propriedade de Luis de Magalhães, em Moreira da Maia, como nos informa Guerra da Cal.

São as alterações que Eça introduziu nesse texto, para o transformar na carta nº XII de Fradique, a Mme. De Jouarre, que contêm as chaves para Refojos.

Logo no cabeçalho da carta: Quinta de Refaldes (Minho)! Tal nome não existe na toponímia nacional, nem parecido sequer. A semelhança com Refojos não é, assim, casual.

A carta propriamente dita está polvilhada de alterações, em palavras ou frases inteiras, maiores ou menores, que nada nos esclarecem, salvo no começo!

Sublinho as palavras que do primeiro texto se mantiveram, para melhor compreensão:

«*Estou vivendo pinguentemente em terras eclesiásticas, porque esta quinta foi de frades. Agora pertence a um amigo meu, que é, como*

Invento a artigos remunerados, em
 que eu tenho já pensado muito e
 nada conseguí por enquanto - a con-
 sequencia é enigma.

O Antonio Feijó' disse-me que o Lea
 de Lucena lhe tinha pedido um li-
 vro seu, ou até as photographias dos
 quadros, para as mostrar ao ju-
 ris Banat da Paris, que lhe tinha
 pedido o mesmo. Em vista d'isto man-
 dei um dos livros, que tinha o Li-
 va, a casa do Lea de Lucena. Ao
 Antonio Feijó' não lhe mandei me-
 nha, por me desajava consultá-lo
 sobre d'isso. Depois por isso a sua
 resposta. Elle está no Hotel. Bar-
 ges.

Adem. Muitas saudades a todos
 e abrace seu filho oh ^{te me to}
 seu. ^{am?}



Estátua de S. Teotónio, Refojos.

Virgílio, poeta e lavrador, e canta piedosamente as origens heróicas de Portugal enquanto amanha os seus campos e engorda os seus gados. Rijo, viçoso, requeimado dos sóis, tem oito filhos, com que vai povoando estas celas monásticas forradas de cretones claros. E eu justamente voltei de Lisboa a estes milheirais para ser padrinho do derradeiro, um famoso senhor de três palmos, cor de tijolo, todo roscas e regueifas, com uma careca de melão, os olhinhos entre rugas como vidrilhos, e o ar profundamente céptico e velho. No sábado, dia de S. Bernardo, sob um azul que S. Bernardo tornara especialmente vistoso e macio, ao repicar dos sinos claros, entre aromas de roseiras e jasmineiro, lá o conduzimos, todo enfeitado de laçarotes e rendas, à Pia, onde o padre Teotónio inteiramente o lavou da fétida crosta de pecado original, que desde a bolinha dos calcanhares até à moleirinha o cobria todo, pobre senhor de três palmos que ainda não vivera da alma e já perdera a alma... E desde então, como se Refaldes fosse a ilha dos Latofágios, e eu tivesse comido em vez da couve-flor da horta a flor do Loto, por aqui me quedei, olvidado do mundo e de mim, na doçura destes ares, destes prados, de toda esta rural serenidade que me afaga e me adormece.

O casarão conventual que habitamos, e onde os cônegos Regrantes de Santo Agostinho, os ricos e nédios crúzios vinham preguiçar no Verão, prende por um claustro florido de hidrângeas a uma igreja lisa e sem arte com um adro assombreado por castanheiros, pensativo, grave, como são sempre os do Minho».

Folheando o livro de Tomaz Mendes Norton, é a fotografia do impressionante casarão conventual que nos aparece em primeiro lugar. A seguir, numa vista do claustro, através de um arco vislumbramos, entre outra vegetação, as hidrângeas. E esse claustro

efectivamente une a parte habitada do convento com a Igreja.

Mas é o longo primeiro parágrafo que mais fortemente nos sugere o Mosteiro de Refojos do Lima. Não que Norton fosse o amigo a que se refere – apesar de pejorativamente se lhe poder chamar poeta por tanta fantasia, e ser «malgré lui» agricultor e ter muitos filhos.

É o padre Teotónio, nome invulgar, mas que vamos encontrar no livro: S. Teotónio é santo que pertence ao imaginário dos Cônegos Regrantes, e tinha no mosteiro a sua capela, a qual dominava de um nicho onde estava representado em estátua de madeira policroma, enorme, de tamanho natural. É desta estátua a última reprodução fotográfica que nos oferece Tomaz Mendes Norton.

E finalmente, voltando à carta para Mme. de Jouarre, temos a comparação de Refaldes com a ilha² dos Latofágios! Para os romanos, diziam os eruditos de tempos passados, o rio Lima era o rio do esquecimento. Quem o atravessava, vindo do Sul, perdia a memória e não mais abandonava aquelas mágicas paragens. Ora para chegar a Refojos, que está na margem direita, há que atravessar o rio Lima. E assim percebemos que Fradique nos diga: «por aqui me quedei, olvidado do mundo e de mim, na doçura destes ares, destes prados, de toda esta rural serenidade que me afaga e me adormece».

¹ Este texto jornalístico, que nunca voltou a ser publicado, foi amavelmente cedido pela Professora Elza Miné. Constará do volume *Textos de Imprensa IV de Eça de Queirós*, no projecto da edição integral das obras do escritor (no prelo na Imprensa Nacional).

² Comedores de Lótus – «No mito grego, eram os habitantes dum território visitado por Ulisses no seu atribulado regresso de Tróia. Eles viviam de comer 'o pão feito dos frutos da árvore do lótus' – pão que fazia esquecer, a quem o comesse, a família e os amigos e também a desejar viver nessa terra estranha para sempre», Jorge Campos Tavares, *Deuses, Mitos e Lendas*.